



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE - NFD
CURSO DE PEDAGOGIA

MANOEL JOÃO DA SILVA JUNIOR

**OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS/AS DOCENTES
NO TRABALHO PEDAGÓGICO SOBRE GÊNERO
E SEXUALIDADES NA ESCOLA**

CARUARU

2024

MANOEL JOÃO DA SILVA JUNIOR

**OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS/AS DOCENTES NO TRABALHO
PEDAGÓGICO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADES NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco UFPE, na modalidade de Monografia, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em 2024.

Área de concentração: Gênero e sexualidade, Educação.

Orientador (a): Allene Carvalho Lage

CARUARU

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva , Manoel.

Os desafios enfrentados pelos/as docentes no trabalho pedagógico sobre
gênero e sexualidades da escola / Manoel Silva . - Caruaru, 2024.
44, tab.

Orientador(a): Allene Lage

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Pedagogia - Licenciatura, 2024.
Inclui referências.

1. Gênero . 2. Sexualidade . 3. Escola . I. Lage, Allene . (Orientação). II.
Título.

370 CDD (22.ed.)

MANOEL JOÃO DA SILVA JUNIOR

**OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS/AS DOCENTES NO TRABALHO
PEDAGÓGICO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADES NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia do
Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco –
UFPE, na modalidade Monografia como requisito parcial
para a obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Aprovado(a) em: 18/10/2024.

Membros da Banca Examinadora:

Profa. Dra. Allene Carvalho Lage
Núcleo de Formação Docente/CAA - UFPE
(Orientadora)

Prof. Ms. Filipe Antonio Ferreira da Silva
Núcleo de Formação Docente/CAA - UFPE
(Examinador interno)

Profa. Ms. Jessica Priscila Garcia de Souza
Núcleo de Formação Docente/CAA - UFPE
(Examinadora interna)

AGRADECIMENTOS

Concluir este trabalho de conclusão de curso representa não apenas o fim de uma etapa acadêmica, mas também a síntese de um processo de transformação pessoal e intelectual. Ao longo dessa jornada, foram muitas as mãos que me ampararam, mentes que me inspiraram e corações que me acolheram. A cada um desses pilares de apoio, dedico não apenas palavras, mas um profundo sentimento de gratidão, que carrego comigo para além deste momento.

À minha mãe, que desde o primeiro momento em que este sonho foi concebido, me ensinou o valor da persistência e da fé em si mesmo. Mais do que qualquer outra pessoa, você foi minha bússola, minha rocha, e me mostrou que o conhecimento não é apenas uma ferramenta de progresso, mas também de liberdade. A sua capacidade de sacrifício, o seu amor incondicional e sua presença constante me fizeram perceber que o maior aprendizado que carregamos pela vida é o amor.

À minha tia, por seu apoio constante e silencioso, sempre se mostrando presente em momentos decisivos. Você me mostrou que as maiores forças nem sempre são as que falam mais alto, mas sim aquelas que se manifestam nos pequenos gestos de cuidado e apoio. E aos meus primos, que com sua leveza e alegria, me ensinaram que mesmo nos momentos mais árduos, sempre há espaço para o riso e a amizade. Em vocês, vejo o valor das raízes familiares e do laço invisível que nos une e nos fortalece.

Minha orientadora merece um reconhecimento especial, pois foi além do papel de guia acadêmico. Você me mostrou que o conhecimento é um campo em constante movimento, e que a busca por respostas é tão importante quanto as perguntas que formulamos. Sua paciência, sua disposição para o diálogo, e sua capacidade de me instigar a pensar além dos limites foram fundamentais. Com você, aprendi que a academia não se trata apenas de acumular saber, mas de compreender que o saber se constrói coletivamente, com humildade, coragem e um olhar crítico. Mais do que orientadora, foi uma mentora, e por isso, meu agradecimento é profundo. Obrigado por acreditar em minhas ideias quando eu mesmo não conseguia vê-las com clareza, por me oferecer direções quando eu me perdia no caminho e por fazer com que cada obstáculo se tornasse uma oportunidade de crescimento.

Aos amigos de longa data que, mesmo fora do ambiente acadêmico, estiveram sempre ao meu lado, meu agradecimento é imenso. Vocês foram meu refúgio nos momentos de maior exaustão, oferecendo palavras de incentivo e escuta paciente quando tudo parecia mais difícil. Cada encontro, cada conversa e cada risada compartilhada serviram como lembretes de que a vida vai além dos muros da universidade, e que o apoio de pessoas queridas é fundamental para

mantermos nossa sanidade e equilíbrio. Vocês me ensinaram que a verdadeira amizade não conhece barreiras de tempo ou espaço, e que, nos momentos mais desafiadores, saber que temos a quem recorrer é uma das maiores dádivas da vida. Obrigado por acreditarem em mim, mesmo quando o caminho parecia incerto.

Aos meus colegas de faculdade, companheiros de tantos momentos intensos, reconheço em cada um de vocês a importância das trocas que tivemos ao longo dessa caminhada. A universidade nos uniu não só pela busca do conhecimento, mas também pela partilha de desafios e experiências que moldaram quem somos hoje. Cada conversa, cada debate acalorado, cada trabalho em grupo, tudo contribuiu para que nos tornássemos versões melhores de nós mesmos. O ambiente acadêmico, por vezes, pode parecer solitário, mas com vocês, eu aprendi que o verdadeiro conhecimento é aquele que se partilha, que se constrói junto. A solidariedade que cultivamos em meio às dificuldades é algo que levo comigo. O aprendizado mais valioso que tive com vocês vai além das teorias e dos livros: ele reside na importância das relações humanas, no apoio mútuo, e na compreensão de que somos mais fortes juntos.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso foi norteado pela pergunta: Que desafios são enfrentados pelos/as docentes no trabalho pedagógico sobre gênero e sexualidades na escola e quais as suas percepções sobre estes temas? Que gerou o objetivo geral: Estudar os desafios os enfrentados pelos/as docentes no trabalho pedagógico sobre gênero e sexualidades na escola e as suas percepções sobre estes temas, que conseqüentemente gerou objetivos específicos que foram: a) Identificar as concepções de gênero e sexualidades dos/as docentes para o desenvolvimento do trabalho pedagógico em sala de aula. b) Relacionar os desafios enfrentados pelos/as docentes no trabalho pedagógico sobre gênero e sexualidades. c) Elencar os conteúdos trabalhados por docentes sobre o tema gênero e sexualidades em suas aulas. Foi utilizado a teoria da sexualidade de Michel Foucault para categoria sexualidade, Judith Butler como seus estudos de gênero como performatividade para categoria gênero, e na categoria escola foi utilizado a visão de Guacira Louro, onde a mesma vê a escola como um lugar de partilha para discutir gênero e sexualidade. A metodologia é construída nos caminhos da pesquisa qualitativa, tendo como objetivo estudar de forma holística a realidade. A pesquisa teve como alvo principal uma escola de referência em ensino médio. No trabalho de coleta de dados foi realizado através de fontes bibliográficas e entrevistas com 4 professores selecionados, 2 sendo do sexo feminino e 2 do sexo masculino da escola e partir disso foi feita uma análise de conteúdo utilizando os conceitos de Bardin. Foi visto em campo que observou-se que os docentes têm uma compreensão robusta, fundamentada em um sólido arcabouço teórico. Observou-se que as barreiras institucionais acabam promovendo o silenciamento dessas temáticas dentro do contexto escolar. Os conteúdos são trabalhados de forma indireta dentro da sala de aula. Embora tenham grande interesse e desejo de discutir o assunto, os docentes são obrigados a tratá-lo de maneira indireta, inserindo-os em outros tópicos do currículo, sem estabelecer espaços específicos ou métodos específicos para o assunto.

Palavras-chave: desafios; docentes; gênero e sexualidade; escola.

ABSTRACT

In this course completion work, the guiding question was: What challenges do teachers face in their pedagogical work on gender and sexuality in schools, and what are their perceptions of these topics? This led to the general objective: To study the challenges faced by teachers in their pedagogical work on gender and sexuality in schools and their perceptions of these topics, which consequently generated specific objectives: a) To identify teachers' conceptions of gender and sexuality for the development of pedagogical work in the classroom. b) To relate the challenges faced by teachers in their pedagogical work on gender and sexuality. c) To list the contents addressed by teachers regarding gender and sexuality in their classes. The theory of sexuality by Michel Foucault was used for the category of sexuality, Judith Butler's studies on gender as performativity were used for the category of gender, and Guacira Louro's perspective was utilized for the category of school, where she sees the school as a space for sharing discussions on gender and sexuality. The methodology was constructed along the paths of qualitative research, aiming to study reality holistically. The research primarily targeted a reference high school. Data collection was conducted through bibliographic sources and interviews with four selected teachers, two female and two male from the school. Based on this, a content analysis was performed using Bardin's concepts. It was observed in the field that teachers have a robust understanding, grounded in a solid theoretical framework. It was noted that institutional barriers promote the silencing of these themes within the school context. Contents are addressed indirectly within the classroom. Although there is significant interest and a desire to discuss the subject, teachers are compelled to treat it indirectly, integrating it into other curriculum topics without establishing specific spaces or methods for the subject.

Palavras-chave: challenges; educators; gender and sexuality; school.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	OBJETIVOS	12
2.1	Objetivo geral	12
2.2	Objetivos específicos	12
3	MARCO TEÓRICO	13
3.1	Sexualidade	13
3.2	Gênero	16
3.3	Escola.....	19
4	METODOLOGIA	22
4.1	Tipo de Estudo.....	22
4.2	Método de Pesquisa.....	22
4.3	Delimitação e local da pesquisa.....	22
4.4	Fontes de informação	23
4.5	Técnicas de coleta	24
4.6	Análise e sistematização de dados.....	24
5	TRABALHO EM CAMPO	25
5.1	Conhecendo a visão de gênero e sexualidade dos/as docentes.....	25
5.2	Os desafios enfrentados	30
5.3	Conteúdos trabalhados sobre a temática em suas aulas.....	34
6	ANÁLISE	39
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

Se encontrar, para muitos é algo que não tem nenhum significado, é algo irrelevante onde preferem ficar numa inércia de conforto do não encontro, para outros se encontrar se torna uma questão necessária dependendo em que ambiente você convive. Entrei em pedagogia com o estereótipo onde eu apenas trabalharia com EVA, colagens e Glitter e com a ideia de que eu talvez ao me formar eu sofreria muito preconceito na área da educação e que se eu fosse ficar em sala sofreria em dobro, mas sempre me motivaram a continuar, pois pedagogia havia muitas áreas, e ao pensar nisso só passava em minha mente coordenação ou gestão, cargos que sempre foram distribuídos para pessoas que tinham proximidade com pessoas influentes na cidade, após muito pensar, no último dia do SISU, enfim, coloquei pedagogia, área de antecedência da minha mãe, a qual eu estava a fugir, um âmbito o qual padeci desde da gênese de minha existência o qual eu sempre quis esgueirar-me, agora estava ali pronto para causar várias crises existenciais.

Na primeira semana fiquei feliz ao entrar no curso e me senti em casa, mas não demorou muito para essa alegria acabar e chegar a pandemia, ficamos quase 1 ano sem atividades na universidade devido a pandemia a qual impossibilitou o retorno das aulas presenciais, devido a isso retornamos de forma remota as atividades da universidade o qual escolhi pagar a cadeira gênero e sexualidade a qual debatia assuntos que jamais imaginaria que fossem falados no curso de pedagogia, me apaixonei de cara e vi que queria me aprofundar a isso, a partir daí tentava envolver a temática em todos os meus trabalhos, após um período de tempo comecei a refletir sobre a temática e vi que se não dependesse de mim para estudar essa temática no ensino médio ela não era falada, e quando era falada era de uma forma sigilosa e retraída por todos que faziam parte da escola, e queria descobrir quais os motivos de acontecer tal opressão do assunto.

Durante todos os anos que estive na educação básica as temáticas gênero e sexualidade sempre foram debatidas de maneira bem sucintas e sempre relacionadas a estereótipos, ao abordar sexualidades os assuntos eram sempre relacionados a IST's, Gravidez na adolescência, sempre voltadas para biopoder, ou seja voltadas ao controle de corpos onde os docentes usavam seu “poder” para criar uma atmosfera de medo em relação a sexualidade.

Por ser ansioso queria o mais rápido possível estudar isso, então veio a iniciação científica a qual tive oportunidade de adentrar na temática mais a fundo e compreender que existem poderes e que esses poderes se aplicam de formas diferentes em diversas instituições e que as consequências são diversas, e que não falar sobre gênero e sexualidade seria uma

dessas consequências. a pesquisa foi finalizada e foi possível enxergar que existe uma espécie de “medo” entre os docentes e falta de interesse em debater a temática, porém ainda restaram dúvidas as quais eu quero adentrar e me aprofundar para esclarecê-las, as quais restam e dominar o assunto para que, em um futuro próximo, possamos falar sobre essa temática sem nenhuma dificuldade.

Atualmente em nossa sociedade apesar de existir grandes avanços em relação ao século anterior onde a sociedade obtinha o conservadorismo como uma das principais características, existe um grande obstáculo no quesito gênero e sexualidade foram assuntos que muitas vezes eram falados apenas por pessoas que estudavam os famosos “sexistas” eram um os únicos que podiam falar sobre os temas, Foucault (2010) em sua obra a história da sexualidade I, traz a sexualidade como um dispositivo, que atravessa as relações de poder o qual o mesmo fala em sua obra vigiar e punir. A sexualidade para Foucault deve ser compreendida como experimentação histórica singular tendo relação com a “cultura, envolvendo os tipos de normatividades e formas de subjetividades, estabelecendo três eixos analíticos: formação dos saberes que se referem a ela, os sistemas de poder que regulam a sua prática e as formas nas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos da sexualidade”, que compõe o que ele denomina de dispositivo de sexualidade .(Foucault , 2010, p.193 *apud* Nascimento-Gomes, 2016 p.86).

Ainda seguindo o pensamento de Foucault, a sexualidade não é algo intrínseco e natural que está sendo meramente reprimido pelas normas sociais. Em vez disso, ela é moldada e regulada pelas práticas de poder, através de instituições como a medicina, a igreja, e o estado. Essa ideia reflete a crítica de Foucault à concepção tradicional da repressão sexual, mostrando como o poder se exerce não apenas pela proibição, mas pela produção e gestão da sexualidade dentro da sociedade

O sexo sempre foi algo que existiu, em algumas culturas ele é feito apenas para meio de reprodução, em outras por puro prazer e até na Grécia antiga foi usado para obter conhecimento dos mais velhos, devido à cultura ter influências colonizadoras, ao padrão vitoriano foi nos implantado socialmente, dessa forma colocando o homem branco, hétero no topo e o sexo se transforma algo de mão única, onde apenas especialistas podem conversar, mas ainda assim por vivenciarmos os padrões vitorianos, o debate sobre sexualidade ainda existe de forma mais “escondida” pela figura masculina, a qual pressupõe que o sexo é apenas algo feito para agradar a si e não sua parceira. Havendo uma divisão de gênero, o homem sempre com o poder do “saber” e a mulher sendo submissa é apenas vivenciado o que está predestinado para ela, diante os padrões sociais. O debate de gênero também se encaixa dentro

das relações de poder de Foucault (2010).

Para Butler (2006), performatividade é a teoria de que identidades, como gênero, não são inerentes ou fixas, mas são construídas e continuamente reforçadas por meio de atos e comportamentos repetidos. Em vez de existir uma essência interna que define quem somos, as identidades são formadas e legitimadas por ações performativas que seguimos e reproduzimos ao longo do tempo, o que faz com que essas identidades pareçam naturais e inevitáveis. Assim, gênero e outras identidades sociais são criados e mantidos através de uma série de práticas e representações que nos alinhamos e repetimos, “estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (Butler, 2003, p. 59)

A partir do pensamento de Butler (2003) é possível compreender que identidades de gênero são formadas e mantidas por meio da repetição de atos performativos.

Para Butler (2006) gênero não se define apenas para binariedade, mas para algo além disso. Porém os debates de gênero e sexualidade acontecem de maneira sucinta em diversos lugares, principalmente na escola:

“A noção de gênero como uma construção binária, que divide rigidamente as pessoas em categorias opostas e excluídas, não é uma verdade natural, mas uma construção social que opera para regular e normatizar as identidades. O gênero, portanto, deve ser visto como uma performance contínua que desafia e reconfigura essas categorias binárias.” (Butler, 2006, p. 21).

Butler (2006) reflete a ideia de que as categorias de gênero, como masculino e feminino, não são naturais, mas sim construídas socialmente para regular e normatizar identidades. Ela argumenta que, ao tratar o gênero como uma performance contínua, podemos entender que essas categorias rígidas são resultado de práticas repetitivas e normas culturais, e não de uma essência imutável. Assim, desestabilizar essas divisões binárias pode levar a uma compreensão mais ampla e inclusiva das identidades de gênero, reconhecendo a diversidade e a fluidez além dos padrões tradicionais.

A discussão sobre gênero e sexualidade no contexto escolar é de extrema relevância, pois aborda questões fundamentais para a promoção da igualdade, inclusão e respeito à diversidade. Ao incorporar esse tema na educação, as escolas podem contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e empáticos, capazes de reconhecer e combater preconceitos, discriminações e violências de gênero, “As instituições educacionais, ao promoverem um ambiente acolhedor e seguro para todos os alunos, independentemente de

sua identidade de gênero ou orientação sexual, contribuem para um desenvolvimento integral dos estudantes e para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva." (Louro, 2000, p. 52). Louro explora como as instituições educacionais podem desempenhar um papel crucial na promoção da inclusão e na criação de ambientes seguros para todos os estudantes, independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual. Ela discute a importância de uma abordagem que valorize a diversidade e contribua para o desenvolvimento integral dos estudantes, ajudando a construir uma sociedade mais justa e inclusiva.

O debate em gênero, sexualidade e educação reflete um campo dinâmico e em constante evolução, impulsionado por uma crescente conscientização sobre a importância da equidade de gênero e da inclusão sexual no ambiente educacional. Pesquisas recentes têm explorado uma variedade de temas, incluindo a construção social de gênero, a diversidade sexual, a educação sexual, a violência de gênero nas escolas e as políticas de inclusão de pessoas LGBTQIA+. Estudos demonstram a necessidade de uma abordagem interdisciplinar, que integre teorias feministas, queer e de estudos de gênero, para entender as complexas interseções entre gênero, sexualidade e educação.

Além disso, há um reconhecimento crescente da importância de práticas pedagógicas sensíveis ao gênero e de políticas institucionais que promovam um ambiente escolar seguro e inclusivo para todas as identidades de gênero e orientações sexuais. No entanto, persistem desafios significativos, como a resistência a mudanças por parte de alguns setores da sociedade, a falta de recursos e treinamento para educadores e a necessidade de ampliar o acesso a uma educação sexual abrangente e livre de preconceitos. Diante desses desafios, o debate em gênero, sexualidade e educação destaca a importância contínua de pesquisas empíricas, políticas progressistas e práticas pedagógicas inovadoras para promover uma educação inclusiva e equitativa para todos. "A educação deve ser um espaço onde todas as identidades de gênero sejam respeitadas e celebradas, promovendo um ambiente que não apenas aceite, mas também valorize a diversidade." (Louro, 1997, p.27)

A escola é um espaço onde o estudante vivencia diversas fases de sua vida, e a maior parte da sua aprendizagem acontece dentro desse espaço que deveriam debater todos os assuntos os quais o mesmo irá presenciar em sua vida, gênero e sexualidade são assuntos importantes que não são muitas vezes debatidos o que se torna um grande problema, mas por qual motivo o silenciamento do debate de gênero e sexualidade acontece nas escolas?

Os motivos são constitucionais, ou as relações de poderes influenciam nesse problema? essas perguntas levam a questão problema da pesquisa que se caracteriza em: Que desafios são enfrentados pelos/as docentes no trabalho pedagógico sobre gênero e sexualidades na escola e

quais as suas percepções sobre estes temas?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Estudar os desafios os enfrentados pelos/as docentes no trabalho pedagógico sobre gênero e sexualidades na escola e as suas percepções sobre estes temas.

2.2 Objetivos específicos

- a) Identificar as concepções de gênero e sexualidades dos/as docentes para o desenvolvimento do trabalho pedagógico em sala de aula.
- b) Relacionar os desafios enfrentados pelos/as docentes no trabalho pedagógico sobre gênero e sexualidades.
- c) Elencar os conteúdos trabalhados por docentes sobre o tema gênero e sexualidades em suas aulas.

3 MARCO TEÓRICO

3.1 Sexualidade

Foucault (2010) oferece uma análise profunda da sexualidade em seu trabalho “História da Sexualidade”. Para Foucault (2010), a sexualidade não é apenas um fenômeno natural, mas uma construção social profundamente ligada ao poder e ao discurso. Ele rejeita a ideia de que a sexualidade tenha sido historicamente reprimida, como muitas teorias freudianas sugerem. Em vez disso, ele argumenta que o discurso sobre a sexualidade foi constantemente incentivado, monitorado e regulado por instituições como a Igreja, o Estado e a ciência:

“Mas o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado. (Foucault, 2010, p. 24).

Essa perspectiva revela que o controle da sexualidade não se deu pela mera supressão, mas através de uma teia complexa de discursos e práticas institucionais que moldaram e normatizaram o comportamento sexual, evidenciando a intersecção entre poder e saber na formação das normas sociais.

Foucault (2010) propõe a ideia de que o poder se exerce por meio do controle dos corpos e dos comportamentos, e que a sexualidade é uma das principais formas pelas quais esse controle se manifesta. "O poder penetra no próprio corpo, encontra-se exposto ao corpo. Ele investe sobre ele, marca-o, educa-o, obriga-o a trabalhos, obriga-o a cerimônias, exige-lhe sinais." (Foucault, 2010, p. 28) Ele descreve o surgimento da "ciência da sexualidade", especialmente a partir do século XIX, como uma forma de disciplinar e normalizar os comportamentos sexuais. A partir desse período, as instituições começaram a categorizar e patologizar certas práticas e identidades sexuais, criando distinções entre o "normal" e o "anormal":

Ora, uma primeira abordagem feita deste ponto de vista parece indicar que, a partir do fim do século XVI, a “colocação do sexo em discurso”, em vez de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação; que as técnicas de poder exercidas sobre o sexo não obedeceram a um princípio de seleção rigoroso mas, ao contrário, de disseminação e implantação das sexualidades polimorfas e que a vontade de saber não se detém diante de um tabu irrevogável, mas se obstinou – sem dúvida através de muitos erros – em construir uma ciência da sexualidade. São esses movimentos que gostaria de evidenciar, agora, de maneira esquemática a partir de alguns fatores históricos que se afiguram, e para isso, de certa forma, passarei por cima da hipótese repressiva e dos fatos de interdição e de exclusão que ela evoca. (Foucault, 2010, p. 19).

A sexualidade, segundo Foucault (2010), é, portanto, um campo de batalha entre as forças do poder que tentam normatizá-la e os indivíduos que podem resistir a essas normatizações. Ele também enfatiza que o poder sobre a sexualidade não opera apenas de cima para baixo (por exemplo, do governo para os cidadãos), mas é disperso por toda a sociedade em micro-relacionamentos. A ‘natureza’, em que às vezes se apoiavam, era ainda uma espécie de direito”. (Foucault, 2010, p. 45). Isso ilustra como instituições modernas regulam aspectos fundamentais da vida coletiva, como saúde e segurança, evidenciando uma forma abrangente de controle social. O poder atua como um mecanismo de atração, revelando e extraíndo as peculiaridades que se manifestam.” O prazer se difunde através do poder cerceador e este fixa o prazer que acaba de desvendar”. (Foucault, 2010, p. 52).

Weeks (2020) , compreende a sexualidade como um fenômeno social e histórico. Ele concorda com Foucault (2010) em muitos aspectos, especialmente na ideia de que a sexualidade é uma construção social e não uma característica imutável da natureza humana. No entanto, Weeks (2020) vai além ao examinar como a sexualidade está ligada às identidades e como essas identidades mudam ao longo do tempo:

A história da sexualidade é, para Foucault, uma histórica de nossos discursos sobre a sexualidade, discursos através dos quais a sexualidade é construída como um corpo de conhecimento que modela as formas como pensamos e conhecemos o corpo. A experiência ocidental da sexualidade, ele sugere, não é a da repressão do discurso. Ela não pode ser caracterizada como um “regime de silêncio”, mas, ao contrário, como um constante e historicamente cambiante incitamento ao discurso sobre o sexo. Essa explosão discursiva sempre em expansão é parte de um completo aumento do controle sobre os indivíduos, controle não através da negação ou da proibição, mas através da produção; pela imposição de uma grade de definição sobre as possibilidades do corpo, através do aparato da sexualidade (Weeks, 2000, p.20)

Ele destaca a importância de entender a sexualidade em um contexto histórico, reconhecendo que as normas e os valores sobre o que é considerado "aceitável" variam significativamente de uma época para outra e de uma cultura para outra. Weeks (2000) também aponta que a modernidade trouxe uma crescente visibilidade e articulação das sexualidades marginalizadas, como a homossexualidade, que passaram a ser vistas não apenas como práticas, mas como identidades políticas e sociais.

Ao contrário de Foucault (2010), que foca na relação entre poder e discurso, Weeks (2000) enfatiza as dinâmicas de resistência e mudança, argumentando que as identidades sexuais emergem em contextos de luta social e são moldadas por experiências de opressão: “na verdade, 'uma construção social', uma invenção histórica, a qual, naturalmente, tem base nas possibilidades do corpo” (Weeks, 2000, p. 40). Essa perspectiva é complementada por Salles e

Ceccarelli (2010), que afirma que “os discursos sobre a sexualidade são uma tentativa de nomear o que é considerado normal ou desviante” (Salles; Ceccarelli, 2010, p. 151), ressaltando que as definições de sexualidade são influenciadas por contextos sociais específicos. Eles também discutem a tensão entre repressão e liberdade sexual, indicando que as normas sociais ainda impõem limitações à expressão da sexualidade, mesmo em contextos de maior liberdade. Assim, tanto Weeks (2000) quanto Salles e Ceccarelli (2010) concordam que a sexualidade é um campo de tensão entre opressão e resistência, onde identidades sexuais são continuamente negociadas e redefinidas.

A construção social da sexualidade implica que as identidades sexuais são formadas através de interações sociais e pela internalização dessas normas. Salles e Ceccarelli (2010) enfatizam que “a sexualidade não é um dado natural, mas uma construção cultural que se transforma ao longo do tempo” (Salles; Ceccarelli, 2010, p. 152). Essa visão desafia a noção tradicional de que a sexualidade é algo fixo ou imutável.

Salles e Ceccarelli também discutem a dinâmica entre repressão e liberdade sexual. Eles afirmam que “as relações amorosas refletem uma forma de vínculo alienante em que o sujeito evita a renúncia de ser o objeto imaginário” (Salles; Ceccarelli, 2010, p. 157). Essa perspectiva sugere que, apesar das mudanças sociais que promovem maior flexibilidade nas relações com a diversidade sexual, ainda existem estruturas de poder que regulam a expressão da sexualidade. Os autores explicam que “a repressão sexual não se limita à proibição explícita; ela se manifesta também na forma como as normas sociais moldam os desejos e as práticas sexuais” (Salles; Ceccarelli, 2010, p. 158). Isso cria uma tensão entre desejo e normatividade, onde os indivíduos podem sentir-se divididos entre suas aspirações pessoais e as expectativas sociais.

Além disso, os autores exploram como a juventude contemporânea experimenta a sexualidade de maneira fluida. Eles observam que “os jovens tendem a adotar uma abordagem mais aberta em relação às suas identidades sexuais” (Salles; Ceccarelli, 2014, p. 158), desafiando normas tradicionais. Essa fluidez reflete um movimento em direção à limites de múltiplas expressões de sexualidade, questionando categorias específicas. Os autores argumentam que “a nova geração está mais disposta a explorar diferentes formas de relacionamentos e expressões sexuais, rompendo com os padrões estabelecidos” (Salles; Ceccarelli, 2014, p. 159). Essa abertura pode ser vista como um reflexo das mudanças culturais mais amplas que ocorreram nas últimas décadas. Suas análises enfatizam a importância de uma abordagem crítica para entender a sexualidade na sociedade contemporânea.

As concepções de sexualidade de Foucault (2008), Weeks (2000) e Salles e Ceccarelli (2014) oferecem uma visão abrangente e multifacetada sobre o tema, revelando a complexidade

da sexualidade como um aspecto socialmente construído. Foucault (2008) analisa a sexualidade como um dispositivo de poder, argumentando que a história da sexualidade é marcada por uma repressão do discurso sexual, ao mesmo tempo em que se desenvolve uma ciência sexual que classifica e normatiza práticas sexuais. Weeks (2000), por sua vez, enfatiza a resistência e a luta social na formação das identidades sexuais, afirmando que “a sexualidade é uma construção social, uma invenção histórica” que se manifesta em contextos de opressão e resistência. Já Salles e Ceccarelli (2014) discutem como as normas sociais moldam a sexualidade, destacando a importância de entender as relações entre poder e liberdade sexual. Juntos, esses autores são informados para uma compreensão crítica da sexualidade, ressaltando que ela não é uma característica fixa ou natural, mas sim uma manifestação sonora que reflete as interações sociais e culturais em constante transformação.

3.2 Gênero

O conceito de gênero, especialmente no contexto dos estudos contemporâneos, passou por profundas transformações teóricas ao longo das últimas décadas. O debate, que tradicionalmente estava ancorado em visões essencialistas e biologicistas, foi significativamente reformulado por diversos autores ao longo do tempo. Cada um, a seu modo, oferece uma análise crítica das formas como o gênero é construído, regulado e vivenciado na sociedade. Embora suas abordagens variem, suas contribuições convergem ao desafiar as normas sociais que sustentam as hierarquias de gênero, abrindo espaço para novas formas de pensar a identidade e a sexualidade.

Butler (2015), revolucionou a forma de compreender a identidade de gênero. Sua teoria da performatividade do gênero parte do pressuposto de que o gênero não é uma essência fixa ou natural, mas o resultado de uma série de performances repetitivas que, ao longo do tempo, consolidam-se como "naturais":

“O gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atos ou comportamentos. O gênero é, na verdade, a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos dentro de um quadro regulatório altamente rígido que se conglomeram ao longo do tempo para produzir a aparência de substância, de uma espécie de ser natural.” (Butler, 2015, p. 33)

Para Butler, o gênero é, portanto, uma construção social, e não uma característica biológica ou intrínseca. A chave para a concepção de gênero em Butler é a noção de que não nascemos com um gênero, mas "nos tornamos" gênero através da repetição de atos regulados

pelas normas sociais. “...gênero é um tipo de imitação para a qual não há original; na verdade, é um tipo de imitação que produz a própria noção do original como efeito e consequência da própria imitação” (Butler, 2015, p. 18)...O conceito de performatividade implica que a identidade de gênero é produzida e reproduzida constantemente. Isso contrasta com a visão essencialista de gênero, que sustenta que o gênero é uma expressão direta e estável do sexo biológico. Butler (2015) argumenta que o sexo também é uma construção, moldada por discursos normativos que definem os corpos e as suas capacidades.

Além disso, Butler (2015) propõe que as normas heteronormativas — aquelas que privilegiam a heterossexualidade como padrão normativo — são fundamentais na construção do gênero: “As normas que regulam o gênero não apenas produzem identidades, mas também determinam quais identidades são viáveis e quais são marginalizadas” (Butler, 2015, p. 42) Ela afirma que a identidade de gênero é constituída através de um processo de exclusão e marginalização de identidades que fogem à heteronormatividade. Ao desconstruir a ligação entre sexo e gênero, Butler (2015) oferece uma visão mais fluida e plural das identidades de gênero e sexualidade, abrindo espaço para a resistência às normas sociais opressivas que impõem uma visão binária de gênero. Isso permite uma reavaliação das identidades que escapam às categorias tradicionais, como as identidades queer, e aponta para a fluidez e multiplicidade de formas de ser e existir no mundo.

Butler (2015) se foca na dimensão performativa do gênero e na desconstrução das normas culturais, Scott (1986) oferece uma abordagem histórica “ O gênero é uma categoria útil de análise histórica que deve ser central para a análise das relações sociais e das estruturas de poder” (Scott 1986) Argumenta que o gênero deve ser tratado como uma categoria central para a análise das relações sociais e das estruturas de poder. Sua principal contribuição está na proposição de que o gênero não é apenas uma distinção biológica entre homens e mulheres, mas uma construção social que organiza as relações de poder na sociedade.

Scott (1999) critica a tendência dos historiadores de tratar as mulheres e o gênero de maneira secundária ou acessória às narrativas principais. Ela propõe que o gênero seja entendido como um campo de relações sociais que está intrinsecamente ligado a outras formas de hierarquia e poder, como classe e raça “As relações de gênero não podem ser compreendidas isoladamente; elas estão interligadas com outras formas de manutenção social, como classe e raça” (Scott, 1999).

Dessa forma, o gênero deve ser visto como uma lente analítica através da qual podemos entender melhor as dinâmicas históricas e as estruturas de poder. Segundo ela, o gênero é uma maneira de construir as identidades, tanto femininas quanto masculinas, dentro de um contexto social e político específico. Para Scott (1995), o estudo do gênero deve considerar como essas identidades foram moldadas historicamente por relações de poder, instituições sociais e discursos culturais. “O gênero deve ser entendido como um campo de relações sociais que está profundamente entrelaçado com outras formas de hierarquia e poder” (Scott, 1995, p 81).

Rich (1980), em sua crítica à heterossexualidade compulsória, oferece outra dimensão à discussão de gênero e sexualidade. Rich argumenta que a heterossexualidade não é apenas uma orientação sexual, mas uma instituição social que é imposta como norma, particularmente para as mulheres:

A heterossexualidade compulsória é uma instituição política que retira o poder das mulheres. Ela opera como um sistema de controle social que garante que a sexualidade das mulheres seja direcionada e validada apenas dentro do contexto de relações heterossexuais, reforçando as estruturas patriarcais e a marginalização de outras formas de sexualidade" (Rich, 1980, p 80).

Ela sugere que essa imposição da heterossexualidade serve como uma ferramenta do patriarcado para controlar as mulheres, restringindo suas possibilidades de agência e suas experiências de vida. Rich (1980) desafia a visão tradicional de que a heterossexualidade é a norma "natural", argumentando que essa normatividade é imposta socialmente, através de várias formas de coerção cultural, política e econômica.

Ela propõe que a existência lésbica — que, para ela, inclui tanto relações sexuais quanto formas de solidariedade entre mulheres — é uma forma de resistência à dominação patriarcal. Ao propor essa alternativa, Rich (1993) amplia o campo de estudo do gênero e da sexualidade ao introduzir a ideia de que as relações de poder entre os sexos são reforçadas pela imposição de normas sexuais e sociais “A existência lésbica deve ser reconhecida como um aspecto fundamental da luta contra a opressão das mulheres” (Rich, 1993).

Rich (1993) nos convida a reconsiderar e reavaliar as estruturas normativas que moldam as relações entre os sexos e a sexualidade. Esse pensamento é crucial para as temáticas de gênero e sexualidade porque oferece uma perspectiva crítica que revela como as normas heterossexuais são usadas para manter o controle patriarcal e destaca a importância de alternativas e formas de solidariedade entre mulheres como estratégias de resistência e transformação social.

Os pensamentos de Butler (2015), Scott (1995, 1999), Rich (1990, 1993) convergem na medida em que todas rejeitam as visões tradicionais e essencialistas de gênero e sexualidade, propondo que essas categorias são construções sociais moldadas por relações de poder. Butler (2015), ao desenvolver sua teoria da performatividade, desconstrói o gênero como uma essência fixa e mostra como as identidades são formadas e reforçadas através de atos repetitivos e regulados. Scott (1995), por outro lado, situa essa performatividade em um contexto histórico mais amplo, argumentando que o gênero deve ser analisado como uma categoria fundamental para entender as relações sociais e políticas ao longo do tempo. Rich (1990, 1993), ao criticar a heterossexualidade compulsória, amplia a discussão ao destacar como a normatização da sexualidade é uma ferramenta de controle patriarcal, especialmente sobre as mulheres. A interconexão de suas teorias oferece um campo fértil para a reflexão desafiando normas e propondo alternativas que reconhecem a pluralidade, a fluidez e a complexidade das experiências humanas.

3.3 Escola

A escola desempenha um papel central na formação de indivíduos dentro da sociedade. Ela não apenas transmite conteúdos acadêmicos, mas também é um espaço de socialização, onde os estudantes aprendem valores, normas e expectativas sobre como devem se comportar, interagir e ocupar diferentes lugares no mundo. Louro (2000) destaca que “a escola é um dos principais locais de reprodução de significados sociais, especialmente no que diz respeito a gênero e sexualidade.” Esse processo de aprendizado é, muitas vezes, invisível, mas extremamente poderoso.

Desde a educação infantil até os níveis mais avançados de ensino, as normas de gênero e sexualidade permeiam as práticas pedagógicas e interações cotidianas. Esses ensinamentos, que muitas vezes ocorrem de maneira implícita, acabam reforçando a ideia de que certos comportamentos, identidades e expressões são naturais e esperados, enquanto outros são desviantes ou inadequados, “A escola é um espaço onde se constroem identidades e se reproduzem relações de poder, sendo um dos principais locais de socialização onde se aprende, de forma implícita, as normas sobre como meninos e meninas devem agir” (Louro, 1997, p 82).

Entretanto, Louro (2000) também acredita que a escola tem um imenso potencial como espaço de resistência e transformação. Ela argumenta que, ao discutir questões de gênero e sexualidade de forma crítica, “a escola pode se tornar um lugar onde essas normas são

desafiadas e questionadas” (Louro, 2000, p. 62). Nesse sentido, a escola pode encorajar os alunos a refletir sobre as normas de gênero que moldam suas vidas e a considerar formas alternativas de existir no mundo.

Louro (2000) defende que o ensino de gênero e sexualidade é fundamental para o desenvolvimento pessoal dos alunos e para a construção de uma sociedade mais justa. A ausência de discussões sobre esses temas perpetua a invisibilidade e a marginalização de pessoas que não se encaixam nas normas heteronormativas. O silenciamento dessas questões contribui para a exclusão de estudantes LGBTQIA+, além de reforçar a discriminação. “Abordar questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar é fundamental para a formação de cidadãos críticos. É preciso que os alunos compreendam que as identidades e os desejos não são naturais, mas construções sociais que podem ser questionadas e transformadas “. (Louro, 2000, p. 78).

O ensino de gênero e sexualidade, segundo Louro (2006), vai além de informações sobre biologia ou relações sexuais. Trata-se de criar um espaço para que os alunos possam refletir sobre as construções sociais que regulam os corpos, desejos e identidades, promovendo uma educação que valoriza a diversidade. “Todos os processos de escolarização estiveram – e ainda estão – preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, de jovens homens e mulheres” (Louro, 2006, p. 88).

Louro (1997) argumenta que "discutir sexualidade não é algo fácil para todos, pois não imaginário social a ideia de que falar sobre isso é algo vergonhoso se faz presente" e enfatiza a importância da escola em se posicionar frente a essas questões, afirmando que "a educação deve abordar essas questões de forma crítica e inclusiva" (Louro, 1997, p. 16). Ela também destaca que “as identidades de gênero e sexuais são compostas e definidas por relações sociais, moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (Louro, 1997)

Louro destaca que “a educação deve abordar essas questões de forma crítica e inclusiva” para que possamos desconstruir preconceitos e promover o respeito à diversidade (Louro, 1997). Ao integrar esses temas no currículo escolar, não apenas se apoia na complexidade das identidades humanas, mas também proporciona um espaço seguro para que todos os alunos possam expressar suas vivências sem medo de discriminação. Louro enfatiza que “as identidades de gênero e sexuais são compostas e definidas por relações sociais, moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (Louro, 1997, p. 21), o que evidencia a necessidade de um olhar crítico sobre as normas sociais que perpetuam desigualdades.

Além disso, a discussão sobre gênero e sexualidade na educação é uma ferramenta poderosa para a transformação social. Louro argumenta que “discutir sexualidade não é algo fácil para todos, mas a escola deve se posicionar frente às questões de gênero” (Louro, 1997). Essa abordagem não apenas desafia as normas hegemônicas, mas também capacita os estudantes para se tornarem agentes de mudança em suas comunidades. Ao promover um ambiente educacional que valoriza a diversidade, estamos contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos, capazes de dialogar sobre suas diferenças e semelhanças.

A escola possui um papel transformador, podendo reforçar ou questionar normas de gênero e sexualidade. Ao incluir no currículo discussões sobre essas temáticas, as escolas contribuem para uma sociedade mais inclusiva, onde a diversidade é valorizada e as desigualdades são enfrentadas. O ensino de gênero e sexualidade é uma ferramenta fundamental para formar cidadãos conscientes e críticos, capazes de promover mudanças significativas na sociedade.

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa é construída nos caminhos da pesquisa qualitativa, tendo como objetivo estudar de forma holística a realidade, produzindo, a partir disso, conhecimentos a respeito do objeto de estudo.

Foi escolhido direcionar esse trabalho de conclusão de curso pelos estudos do tipo qualitativo, pois, como constrói Laville e Dionne (1999), esse tipo de pesquisa transpassa os limites de uma análise numérica, compreendendo práticas culturais dos participantes que estão no meio estudado, buscando enxergar os significados de seus códigos internos, objetivos e relações, assim “tentemos conhecer as motivações, as representações, consideremos os valores, mesmo se dificilmente quantificáveis; deixemos falar o real a seu modo e o escutemos.” (Laville; Dionne, 1999, p. 44)

4.1. Tipo de Estudo

Tratando-se de uma pesquisa que investiga a ausência do diálogo de gênero e sexualidade no contexto escolar sob uma perspectiva docente e suas relações com a realidade, foi utilizado o tipo exploratório de pesquisa. Gil (1987) define o interesse da pesquisa exploratória como: “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses, como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições.” (Gil, 1978, p. 41)

Visando uma maior proximidade com a realidade, essa pesquisa pode ser classificada como explicativa, investigando e compreendendo “os fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos” (Gil, 1987, p.43)

4.2 Método de Pesquisa

A pesquisa, com interesse na realidade de forma holística e detalhada a respeito da ausência do diálogo de gênero e sexualidade no contexto escolar sob uma perspectiva docente, fará uso do método de caso alargado, que “procura analisar, com o máximo de detalhes descritivos, a complexidade do caso, com vista a captar o que há nele de diferente e único” (Santos, 1983, p.11-12).

4.3 Delimitação e local da pesquisa

A pesquisa teve como alvo principal uma escola de referência em ensino médio localizada na cidade de Caruaru-PE. O motivo de estudar a escola foi de que ela é uma instituição de ensino médio de referência, conhecida por seu compromisso com a excelência acadêmica e a formação integral dos seus alunos. Funcionando em regime de tempo integral, a escola oferece uma educação diferenciada que vai além do currículo tradicional, preparando os estudantes para os desafios do século XXI. Na Escola, os estudantes passam o dia inteiro imersos em um ambiente de aprendizado dinâmico e inovador. As salas de aula são equipadas com tecnologia de ponta, facilitando um ensino interativo e colaborativo. Os professores são altamente qualificados e incentivam os alunos a desenvolverem habilidades críticas, criativas e sociais. A escola conta com um Núcleo de Estudos de Gênero, que promove a reflexão e o diálogo sobre questões de gênero, diversidade e inclusão. Este núcleo organiza palestras e debates que envolvem toda a comunidade escolar, abordando temas como igualdade de gênero, feminismo, e o respeito às identidades de gênero diversas. Os estudantes têm a oportunidade de explorar essas questões em profundidade, desenvolvendo uma consciência social crítica e comprometida com a justiça e a igualdade. Reconhecida por seu ambiente inclusivo, a Escola é amplamente conhecida por acolher a causa LGBTQIAPN+. A escola tem políticas claras de respeito à diversidade, garantindo que todos os alunos, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero, se sintam seguros e valorizados. Além disso, a instituição está marcada no Google como uma escola que acolhe a comunidade LGBTQIAPN+, o que reforça seu compromisso com a inclusão. Essa certificação é um símbolo do trabalho contínuo que a escola realiza para promover a aceitação e o respeito, não apenas dentro da instituição, mas também na comunidade em geral. A escola conta com uma infraestrutura robusta de suporte aos alunos, incluindo serviços de orientação educacional. Esses serviços são projetados para atender às necessidades individuais dos estudantes, com especial atenção àqueles que enfrentam desafios relacionados à identidade de gênero ou orientação sexual. A presença de grupos de apoio e espaços seguros dentro da escola fortalece o senso de pertencimento dos alunos e promove uma cultura de empatia e solidariedade. A Escola não é apenas um lugar de aprendizado, mas também um agente ativo de mudança na comunidade. Através de parcerias com organizações locais e eventos de conscientização, a escola desempenha um papel fundamental na promoção dos direitos humanos e na luta contra a discriminação

4.4 Fontes de informação

No trabalho de coleta de dados foi realizado através de fontes bibliográficas e entrevistas com 4 professores selecionados, 2 sendo do sexo feminino e 2 do sexo masculino da escola de referência em ensino médio que foi o principal alvo da pesquisa.

4.5 Técnicas de coleta

O foco o qual será direcionado essa pesquisa será as vivências e dificuldades as quais os professores da escola tem vivenciado ao passar dos anos ao discutir as temáticas de gênero e sexualidade, vivências as quais nos trazem elementos essenciais para pesquisa. Nesta lógica, Lage (2005) fala o quanto é importante o contato com campo “observar, além das falas e dos silêncios, os espaços, os atores, as atividades, a atmosfera do ambiente, os comportamentos e os sentimentos” (Lage, 2005, p. 198).

Para coleta de dados serão feitas entrevistas com os professores sobre o que vêm enfrentando no ambiente escolar. E entrevistas semiestruturadas que são uma técnica de coleta de dados utilizada em pesquisas qualitativas. Nelas, o entrevistador segue um roteiro com perguntas previamente condicionais, mas tem a liberdade de explorar temas e adaptar o direcionamento da conversa conforme a necessidade. Esse formato permite uma maior flexibilidade em relação à profundidade das respostas, favorecendo a obtenção de informações mais ricas e detalhadas, além de possibilitar a exploração de novos tópicos que podem não ter sido previstas, tornando a coleta de dados mais rica e significativa. A pesquisa tem um vasto recorte teórico com bases bibliográficas por meio de sites da internet, livros e acervos.

4.6 Análise e sistematização de dados

Para conseguir os dados da pesquisa foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, e um trabalho de aproximação metodológica. A análise de conteúdo foi utilizada com sua finalidade de tratar as informações coletadas durante a pesquisa. Como artifício de alguns níveis de investigação empírica na área da ciências humanas e sociais serve de forma igualitária para essa adesão de dados. De acordo com Valla (2001), “a finalidade da análise de conteúdo será, pois efetuar inferências, com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas” (Valla, 2001, p. 104).

Perante a pesquisa a análise dos dados apurado diante das entrevistas realizadas com docentes, durante o que foi observado nas entrevistas foi feito jus ao que é colocado nas categorias as quais foram decifradas aos temas citados.

5 TRABALHO EM CAMPO

5.1 Conhecendo a visão de gênero e sexualidade dos/as docentes

As concepções dos educadores sobre gênero e sexualidade exercem um papel crucial para o progresso do trabalho pedagógico, pois eles têm um impacto direto na forma como interagem com alunos e abordam temas relacionados à diversidade e inclusão. Profissionais com compreensão crítica sobre as questões de gênero e sexualidade são capazes de fomentar um ambiente de respeito e acolhimento, onde os estudantes se sentem seguros para expressar suas identidades. Essa atitude promove um ambiente mais onde a diversidade é valorizada e os preconceitos são desafiados, promovendo o desenvolvimento holístico dos alunos. A diversidade é valorizada e os preconceitos são desafiados, promovendo pensamentos críticos dos alunos.

Além disso, uma abordagem consciente abordagem para os temas de gênero e sexualidade permite que os professores trabalhem questões que vão além do currículo formal, ajudando a desconstruir estereótipos. Temas de gênero e sexualidade permitem que os professores trabalhem questões que vão além do currículo formal, ajudando a desconstruir estereótipos.

Buscando compreender a concepção de gênero e sexualidade dos docentes da escola de referencia foi feita a seguinte pergunta: “Como você define os conceitos de gênero e sexualidade e como eles influenciam sua prática pedagógica? ” Foram obtidas 4 respostas diferentes de cada professor que foram:

“Acredito que Gênero é um fruto da construção social que vivemos desde quando chegamos ao mundo. Penso que a fala da ministra Damares reflete bem: "menino usa azul e menina usa rosa". Enquanto a sexualidade, não sei dizer exatamente, mas penso que possivelmente deve estar mais atrelada ao desejo do sujeito com relação ao outro. Exemplo: eu, enquanto mulher cis, sinto desejo por um homem. Esse desejo então faz de mim uma sujeita hetero. Essa seria minha sexualidade segundo as "caixinhas" que nos colocaram. Esses conceitos influenciam totalmente a minha prática enquanto docente porque minha subjetividade parte de quem eu sou e de quem eu me enxergo no mundo. Na faculdade a gente estuda muito sobre os capitais, né? Não lembro o autor, mas lembro que ele falava do capital cultural, social... penso que vá um pouco por aí. Não é, por exemplo, que seja obrigatório que uma pessoa por ser hetero aja e compreenda as dimensões do processo de ensino e aprendizagem da mesma forma que os demais que se encontram na mesma caixinha da sexualidade. Mas é que esse nosso marcador social acaba também influenciando em nossas práticas justamente

porque eles nos constituem enquanto sujeitos. E aí que aparece q necessidade de uma formação docente que trabalhe essas questões.” (Professora 1, Verônica Cooper, 32 anos, área de atuação: Ciências naturais)

“Defino por gênero a construção social do indivíduo. O que ele busca em questões de identidade e suas relações sociais. Sexualidade, trato como forma de atração e o que pode se relacionar com o pathos do indivíduo em relação a outro. A influência se apresenta no momento em que demonstro os diferentes contextos e construções em que os Movimentos Sociais surgem, pela luta por aceitação e inserção das diferentes identidades que se manifestam socialmente.” (Professor 2, Archie Blossom, 28 anos área de atuação: Ciências humanas)

“Eu vejo gênero é uma construção social que organiza as expectativas e normas sobre comportamentos, papéis e identidades associadas ao masculino e feminino. Já a sexualidade envolve a forma como as pessoas vivenciam e expressam seus desejos e afetos, além das dimensões biológicas, sociais e culturais. Embora esses conceitos sejam fundamentais para entender a diversidade presente na sociedade, minha prática pedagógica tem sido mais cautelosa ao tratá-los, uma vez que a gestão da escola prefere evitar conflitos com os pais. Ainda assim, sempre que possível, tento incluir discussões mais sutis sobre respeito à diversidade e igualdade de direitos.” (Professor 3 , Jason Santos 34 anos, área de atuação : Ciências naturais)

“Pra mim gênero se refere às expectativas e papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, enquanto a sexualidade diz respeito às vivências afetivas e sexuais de cada indivíduo. Essas questões são complexas e cruciais, mas, na minha prática, são tratadas de forma discreta devido à postura da gestão escolar. Tento incorporar o tema de maneira indireta, por meio de valores como respeito e aceitação das diferenças, sem uma abordagem direta que possa gerar tensões.” (Professora 4, Cheryl Spelman, área de atuação: Ciências humanas)

As falas dos professores sobre gênero e sexualidade mostram como cada um tem uma percepção única desses temas e como isso afeta suas práticas na sala de aula. A professora 1, por exemplo, acredita que o gênero é uma construção social que molda sua maneira de ensinar. Ela sente que sua própria identidade influencia a forma como aborda esses assuntos, e reforça a importância de uma formação docente que ajude os professores a lidar com isso de forma consciente. O professor 2, por outro lado, vê o gênero como uma busca por identidade e a sexualidade como uma expressão de desejo, ressaltando o papel dos movimentos sociais na defesa das diversas formas de ser. Os Professores 3 e 4 são mais cuidadosos, pois percebem que a gestão escolar prefere evitar discussões diretas sobre esses temas para não gerar conflitos

com os pais. Eles tentam tratar de questões como respeito e diversidade de forma indireta, equilibrando a necessidade de inclusão com as limitações que encontram na escola. No fim, essas diferentes visões mostram o quanto é desafiador lidar com gênero e sexualidade na educação, e como é urgente que os professores sejam preparados para tratar desses assuntos de maneira crítica e acolhedora. A resistência da escola em abrir espaço para essa discussão acaba limitando o poder que a educação tem de transformar vidas, o que torna ainda mais essencial criar práticas que garantam um ambiente seguro e inclusivo para todos os estudantes.

Também foi perguntando aos professores as influências teóricas ou experiências pessoais que os influenciaram a debater a temática, a pergunta utilizada foi: “ Quais influências teóricas ou experiências pessoais mais impactaram sua compreensão sobre gênero e sexualidade para uso em sala de aula, foi durante a sala de aula ou foi vontade própria? ” Foram obtidas 4 respostas diferentes de cada professor que foram:

“Penso que as influências não são somente de um teórico ou vivências específicas. Devem conjuntamente influenciar na minha compreensão. Como tive a sorte de estudar um pouco mais sobre isso na faculdade, imagino que não deva ser toda leiga nessas questões. Me considero feminista. Já li alguns escritos da bell hooks. Ela deve ser minha maior influência..” (Professora 1, Verônica Cooper, 32 anos, área de atuação: Ciências naturais)

“ A principal influência teórica é Michel Foucault. De fato, um pensador que trata bem (em todos os campos das ciências humanas) as formas em que o discurso de poder se estabelece, o que é sexualidade e da própria biografia do autor que passou por uma série de problemas de aceitação da própria sexualidade dado o discurso preestabelecido de sua época. Para além da teoria, posso citar o Oscar Wilde, titã da literatura universal e condenado a prisão pelo relacionamento amoroso com outro homem. .” (Professor 2, Archie Blossom, 28 anos área de atuação: Ciências humanas)

“ Minhas influências vêm de uma combinação de leituras teóricas, como os estudos de Judith Butler e Simone de Beauvoir, que ajudam a desconstruir a binaridade de gênero, e de experiências pessoais, como observar alunos em situações de exclusão ou discriminação. No entanto, o interesse em estudar essas questões foi algo que surgiu pela minha própria vontade de entender mais sobre as identidades e as vivências de meus alunos.” (Professor 3 , Jason Santos 34 anos, área de atuação : Ciências naturais)

“ A compreensão sobre gênero e sexualidade que desenvolvi foi moldada tanto por leituras de teorias como Judith Butler, com sua teoria da performatividade de gênero,

e Michel Foucault, que aborda a construção histórica das identidades sexuais, quanto por vivências pessoais. O interesse em aprofundar esse tema surgiu, em grande parte, pela necessidade de compreender melhor as diferentes realidades de meus alunos e refletir sobre como a escola pode ser um espaço de inclusão. A teoria, especialmente a partir das contribuições de autores como Guacira Louro e Joan Scott, tornou-se uma ferramenta essencial para articular esse desejo e desenvolver uma prática pedagógica mais inclusiva.” (Professora 4, Cheryl Spelman, área de atuação: Ciências humanas)

As concepções de gênero e sexualidade dos docentes são cruciais para a construção de um ambiente educacional inclusivo e respeitoso. As falas dos professores revelam uma intersecção entre influências teóricas e experiências pessoais que moldam suas práticas pedagógicas. A professora 1, por exemplo, destaca a importância de múltiplas influências, mencionando bell hooks como uma referência central em sua formação feminista. hooks enfatiza a necessidade de uma análise interseccional que considere como diferentes marcadores sociais, como raça e classe, interagem com gênero e sexualidade, refletindo a complexidade das identidades. (Louro, 1997)

As declarações dos professores revelaram como suas experiências pessoais e influências teóricas moldaram suas opiniões sobre gênero e sexualidade de formas muito particulares. Por exemplo, a Professora 1 publicou os textos bell hooks como cruciais para a sua compreensão do feminismo, ajudando-a a ver o gênero como uma construção social e a importância da interseccionalidade. O segundo professor apoia-se nas ideias de Michel Foucault para compreender a relação entre poder e sexualidade, e olha para Oscar Wilde como um exemplo de resistência em tempos de opressão. Os Professores 3 e 4 baseiam-se no trabalho de escritoras como Judith Butler e Simone de Beauvoir, que desafiam as visões tradicionais de gênero e mostram que a identidade transcende a dualidade. Ambos consideraram que suas experiências com alunos em situação de exclusão tiveram forte impacto em sua prática docente. Contudo, enquanto o Professor 3 tenta trazer essas questões para suas aulas de forma mais aberta, a Professora 4 expressa preocupações com as limitações impostas pela gestão escolar, que prefere evitar conflitos ao discutir esses temas diretamente. Essa variedade de perspectivas demonstra como é complexa a interação entre a teoria e a prática na educação e reforça a necessidade urgente de preparar os educadores para abordar questões de gênero e sexualidade de maneira crítica e inclusiva. A resistência institucional que muitas vezes impede o diálogo aberto sobre esses assuntos limita o potencial transformador da educação, tornando fundamental uma formação docente mais aprofundada e sensível a essas temáticas.

Esta visão é corroborada por Foucault (2010) que analisou como os discursos de poder moldam as percepções de sexualidade e identidade, sugerindo que a educação deve desafiar as normas para promover uma compreensão mais crítica. Para Foucault, a sexualidade deve ser entendida como um experimento histórico único em relação à "cultura", envolvendo tipos normativos e formas de subjetividade, estabelecendo três eixos de análise: a formação do conhecimento sobre a sexualidade, os sistemas de poder que regulam suas práticas, e Maneira sexual. Os indivíduos podem e devem reconhecer-se como sujeitos sexuais”, que constituem o que ele chama de aparelhos sexuais (Foucault, 2010, p.193 apud Nascimento-Gomes, 2016 p.86).

O Professor 2 acrescentou esta visão, citando Foucault como uma influência fundamental na sua compreensão das relações de poder e da sexualidade, além de citar Oscar Wilde como um símbolo de resistência às normas opressivas. Esta ligação entre teoria e prática é crucial para compreender como as identidades são construídas e desconstruídas nas relações sociais. Os Professores 3 e 4 também destacam a importância de escritoras como Judith Butler e Simone de Beauvoir, que desafiaram os binários de gênero e promoveram visões de identidade mais inclusivas. Butler (2015) introduz especificamente o conceito de performatividade de gênero, sugerindo que o gênero não é uma essência fixa, mas algo que é constantemente produzido através da reprodução de ações (Louro, 1997). Assim, gênero e outras identidades sociais são criados e mantidos através de uma série de práticas e representações que nos alinhamos e repetimos, “estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (Butler, 2003, p. 59)

Enquanto o Professor 3 tentava incorporar essas discussões à sua prática docente, o Professor 4 manifestava preocupação com as restrições impostas pela gestão escolar, que muitas vezes evitava discussões diretas sobre questões de gênero e sexualidade por medo de criar conflitos com os pais. A tensão entre as aspirações de inclusão e os constrangimentos institucionais foi um tema recorrente nas declarações dos professores. Foucault (2010) acreditava que as escolas não são apenas espaços onde o conhecimento é transmitido, mas também locais onde as normas sociais são reforçadas ou desafiadas.

Para alguns, esses conceitos são explorados e discutidos durante a formação acadêmica, enquanto para outros, a compreensão dessas questões emerge por meio da convivência e da consciência da importância de abordar esses temas no ambiente escolar. A discussão sobre gênero e sexualidade nas escolas, portanto, é vista como uma necessidade não apenas para

ampliar o entendimento dos alunos, mas também para promover um ambiente inclusivo e respeitoso, capaz de lidar com as diversidades de forma consciente e crítica.

5.2 Os desafios enfrentados

Os professores enfrentam uma série de desafios ao lidar com questões de gênero e sexualidade no ensino. Uma das principais barreiras é a resistência institucional, que pode manifestar-se através de restrições curriculares ou de políticas escolares conservadoras que limitam a exploração aberta destes tópicos. Existem também pressões sociais e familiares, especialmente num ambiente onde discutir gênero e sexualidade ainda é considerado tabu, criando conflitos com a comunidade escolar. Outro desafio é enfrentar a dinâmica de preconceito e exclusão na própria sala de aula, onde os estudantes LGBTQIA+ muitas vezes enfrentam discriminação. A superação dessas barreiras requer não apenas preparação técnica, mas também um ambiente que propicie e estimule o desenvolvimento de práticas de ensino inclusivas e transformadoras.

Buscando entender quais as principais dificuldades dos/das docentes em abordar as questões de gênero e sexualidade dentro da sala de aula foi feita a seguinte pergunta: “Quais dificuldades você encontra ao abordar questões de gênero e sexualidade com os/as alunos/as?” Foram obtidas 4 respostas diferentes de cada professor que foram:

“Apoio da gestão/coordenação. Amo a equipe escolar dessa escola. São muito solícitos. Mas quando o calor está prestes a apertar, vem um pouco do receio de se eu realmente vou receber o apoio deles. Sei que muitos pais não compreendem essas questões e acaba que o docente que sai por errado.” (Professora 1, Verônica Cooper, 32 anos, área de atuação: Ciências naturais)

“A dificuldade maior passa para a falta de compreensão dos estudantes sobre suas próprias identidades. Acaba sendo necessário fazer um caminho por intermédio das ciências humanas (História, Filosofia e Sociologia) de maneira interdisciplinar para que o estudante possa compreender o que é coerção, período histórico e os questionamentos sobre a própria constituição do ente e como ele está "Sendo-aí", para utilizar um termo fenomenológico.” (Professor 2, Archie Blossom, 28 anos área de atuação: Ciências humanas)

“Uma das maiores dificuldades é lidar com a resistência de alguns pais e alunos, que consideram o tema inadequado para a escola. Outro desafio é encontrar um equilíbrio

entre tratar questões importantes de forma clara e respeitosa, sem gerar um desconforto excessivo que possa levar a críticas ou retaliações por parte da gestão ou dos familiares.” (Professor 3, Jason Santos 34 anos, área de atuação : Ciências naturais)

“A principal dificuldade é a resistência da gestão e a reação dos pais. A gestão prefere evitar essas discussões para evitar atritos com a comunidade. Isso me limita a tratar desses temas de forma direta, e a resistência de alguns alunos também torna o debate mais complicado. Muitas vezes, é preciso encontrar formas indiretas de abordar a questão, sem gerar conflitos.” (Professora 4, Cheryl Spelman, área de atuação: Ciências humanas)

Os professores enfrentam muitos desafios ao tratar de questões de gênero e sexualidade na sala de aula, que vão desde pressões institucionais até dificuldades no processo de ensino. A Professora 1, por exemplo, partilha a insegurança em relação ao apoio da gestão escolar. Embora a equipe seja solicitada, ela menciona que, diante de pais que não compreendem ou aceitam essas discussões, os professores muitas vezes são responsabilizados por qualquer conflito que possa surgir. O Professor 3 também menciona a resistência familiar e a dificuldade de abordar esses temas de maneira clara e respeitosa, sem causar desconforto que possa gerar críticas ou até retaliações dos pais ou da própria direção da escola. Já o Professor 2 ressalta outro desafio: a falta de compreensão dos próprios alunos sobre o assunto. Para ele, é preciso usar uma abordagem interdisciplinar, com disciplinas como História, Filosofia e Sociologia, para que os estudantes consigam entender conceitos como coerção social e construção de identidade. A Professora 4 acrescenta que a gestão da escola muitas vezes prefere evitar discussões sobre gênero e sexualidade para evitar problemas com a comunidade, o que limita bastante uma abordagem mais direta e aprofundada.

Para aprofundamento com o assunto também foi feita uma segunda pergunta: “Como a reação de pais, alunos ou da gestão escolar impacta a forma como você lida com esses temas em sala de aula?” para obter uma melhor análise dos desafios. Foram obtidas 4 respostas

“É como eu disse na questão anterior: a falta de apoio e incentivo é o que pega um pouco pois já temos tantas outras demandas que as vezes deixamos de fazer projetos pra nós poupar de mais problemas, mais desafios. As vezes nós estamos tão cansados com a rotina que só queremos corresponder àquelas demandas que não são poucas.”
“(Professora 1, Verônica Cooper, 32 anos, área de atuação: Ciências naturais)

“Como trabalho isso com outros assuntos, torna-se mais "simples" essa questão do obstáculo "família". A gestão é totalmente a favor do trabalho inclusivo relacionado à sexualidade dos alunos, daquele jeito que não liga muito para o que falamos sobre esses assuntos. Com os mais jovens, que possuo poucas aulas, nunca houve algum problema visível para essas questões. (Professor 2, Archie Blossom, 28 anos área de atuação: Ciências humanas)

“A reação da gestão escolar é o principal fator que limita a abordagem mais direta desses temas. Muitas vezes, a escola prefere não aprofundar o assunto por medo de conflitos com pais que têm visões mais conservadoras. Como resultado, eu adapto o conteúdo para ser mais sutil, geralmente incluindo discussões sobre respeito, empatia e diversidade em momentos oportunos, mas sem necessariamente abordar explicitamente questões de gênero e sexualidade” (Professor 3, Jason Santos 34 anos, área de atuação: Ciências naturais)

“A gestão da escola tem um impacto significativo na minha abordagem. Como há uma preocupação constante com a reação dos pais, sou obrigada a tratar esses temas de maneira mais leve e cuidadosa. A gestão prefere que essas discussões sejam minimizadas ou, quando inevitáveis, que aconteçam de forma discreta, o que limita o espaço para uma discussão mais aprofundada.” (Professora 4, Cheryl Spelman, área de atuação: Ciências humanas)

A influência de pais, alunos e da gestão escolar afeta muito a forma como os professores lidam com questões de gênero e sexualidade em sala de aula, alterando diretamente suas estratégias de ensino. A Professora 1, por exemplo, menciona que, por não contar com o apoio necessário da gestão e já estar sobrecarregado com tantas demandas, acaba deixando de lado projetos relacionados a esses temas. O cansaço acumulado faz com que ela evite complicações, o que acaba limitando suas iniciativas. Sem ser um suporte institucional, muitos professores acabam se censurando, preferindo não se arriscar a lidar com novos problemas. Em contrapartida, o Professor 2, que conta com uma gestão mais aberta e disposto a trabalhar de forma inclusiva, não enfrentou tantas dificuldades. Apesar de ter que lidar com a resistência de algumas famílias, ele sente que a administração da escola não coloca barreiras e permite que ele aborde esses temas de maneira mais tranquila, especialmente quando trabalha de forma interdisciplinar, envolvendo outras áreas das ciências humanas. Já o Professor 3 enfrentou uma situação diferente. Ele conta que a gestão da escola, com medo de criar conflitos com pais mais conservadores, acaba limitando sua liberdade para discutir questões de gênero e sexualidade.

Por isso, ele acaba tratando esses assuntos de forma mais indireta, focando em valores como respeito e empatia, sem entrar diretamente na questão do gênero. De forma semelhante, a Professora 4 também relata que a preocupação da escola com a ocorrência dos pais faz com que ela tenha que abordar esses temas de forma muito leve e discreta, sem a profundidade que gostaria. Esses depoimentos mostram que, embora alguns professores tenham mais espaço e apoio para tratar essas questões, outros são obrigados a suavizar ou até evitar esses assuntos, devido ao medo da escola de entrar em conflito

A insegurança em relação ao apoio à gestão escolar é um desafio significativo. A professora 1 menciona que, apesar de uma equipe pedagógica ser solicitada a abordar temas de gênero e sexualidade, "quando confrontados por pais que não compreendem ou aceitam essas descobertas, os docentes são vistos como responsáveis por possíveis conflitos." Essa pressão institucional pode levar à autocensura, onde os professores optam por não se expor a novos desafios. Foucault (2010) destaca que "todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo" (Foucault, 2010, p. 35)

Isso sugere que as práticas pedagógicas são influenciadas por normas sociais e políticas que limitam a discussão aberta sobre gênero e sexualidade. Dificuldades em Equilibrar Abordagens. O professor 3 relata a dificuldade em equilibrar a abordagem desses temas de forma exposta e respeitosa, sem gerar desconforto. Ele explica que a gestão escolar, temerosa de conflitos com pais conservadores, restringe sua forma de abordar esses temas, levando-o a adotar uma postura mais sutil. Louro (1997) enfatiza que "são precisamente os gestos e as palavras banalizadas que devem se tornar alvos de atenção renovada" (Louro, 1997, p. 86). Essa necessidade de renovação é crucial para desafiar as normas condicionais e promover um ambiente educacional mais inclusivo.

A falta de compreensão dos próprios estudantes é outro desafio destacado pelo professor 2, que defende a necessidade de trabalhar de forma interdisciplinar. Ele sugere utilizar disciplinas como História, Filosofia e Sociologia para ajudar os alunos a entenderem conceitos complexos como coerção social e construção identitária. Louro (1997) argumenta que "a educação deve ser um espaço onde as mulheres e os homens precisam estar atentos às relações de poder

Essa abordagem não apenas enriquece o aprendizado, mas também permite que os alunos desenvolvam uma visão crítica sobre as questões discutidas. Influência do Ambiente Escolar. A ocorrência de pais e da gestão escolar exerce uma influência significativa na forma como os professores lidam com questões de gênero e sexualidade na sala de aula. O professor

2 menciona que, com o suporte de uma gestão favorável e aberta ao trabalho inclusivo, ele enfrenta menos obstáculos para incluir essas questões na sala de aula. Em contrapartida, o professor 3 se vê solicitado a suavizar sua abordagem às restrições impostas pela gestão.

5.3 Conteúdos trabalhados sobre a temática em suas aulas

A discussão de temas de gênero e sexualidade nas escolas é crucial para estabelecer um ambiente inclusivo e respeitoso, fomentando a empatia e a correção de preconceitos e discriminações. Estes tópicos possibilitam que os estudantes pensem sobre suas próprias identidades e entendam a diversidade à sua volta, favorecendo uma coexistência mais equitativa e diversificada. Ademais, ao adquirir conhecimento sobre direitos e questões LGBTQIA+, os alunos estão aptos a agir de maneira mais ética e consciente na sociedade, fomentando o respeito aos direitos humanos e a inclusão social.

Procurando observar como os assuntos de gênero e sexualidade são trabalhados dentro da sala de aula foi perguntado o seguinte: “Quais conteúdos relacionados a gênero e sexualidade você costuma incluir em seu planejamento de aulas?” e foram obtidas 4 respostas que foram:

“Em meu planejamento de aulas, incluo conteúdos relacionados a gênero e sexualidade que promovem um ambiente inclusivo e respeitoso. Abordo conceitos de identidade de gênero e orientação sexual, ajudando os alunos a compreenderem as diferentes expressões e identidades. Também discuto diversidade familiar e direitos humanos, enfatizando o respeito às diferenças e o combate à discriminação. Além disso, trabalho com temas de saúde sexual e educação sobre o corpo, fornecendo informações essenciais para escolhas informadas. Utilizo atividades interativas que incentivam o diálogo e a reflexão, criando um espaço seguro para que os estudantes compartilhem suas experiências e questionamentos. Ao abordar esses temas, contribuo para a formação de cidadãos mais empáticos e conscientes.” (Professora 1, Verônica Cooper, 32 anos, área de atuação: Ciências naturais)

“Geralmente, utilizo os principais pensadores que representam melhor as questões em que estão inseridos. Por exemplo, em sociologia, sempre trago um pensador referente ao movimento social trabalhado: Simone de Beauvoir e Judith Butler no movimento feminista, Abdias Nascimento no movimento negro e Silvério Trevisan no movimento LGBTQIAPN+.” (Professor 2, Archie Blossom, 28 anos área de atuação: Ciências humanas)

“Normalmente, faço referências indiretas a questões de gênero e sexualidade ao discutir temas como direitos humanos, cidadania, e diversidade cultural. Em atividades literárias, por exemplo, trabalho com obras que oferecem diferentes perspectivas de identidade, mas sem colocar o foco diretamente em questões de gênero ou orientação sexual, já que o ambiente escolar não é propício para isso.”
(Professor 3, Jason Santos 34 anos, área de atuação: Ciências naturais)

“Eu costumo incluir temas mais amplos, como direitos humanos e cidadania, que permitem discussões sobre respeito à diversidade sem entrar diretamente nas questões de gênero e sexualidade. Em atividades de leitura, por exemplo, procuro trabalhar com textos que tratem de diferentes perspectivas de vida, mas de forma sutil, sempre evitando os pontos que possam gerar polêmicas com pais ou com a gestão.”
(Professora 4, Cheryl Spelman, área de atuação: Ciências humanas)

Os comentários dos docentes acerca da incorporação de temas de gênero e sexualidade em suas aulas demonstram uma variedade de métodos que espelham tanto o empenho na educação inclusiva quanto as restrições impostas pelo contexto escolar. A docente 1 se sobressai ao incentivar pesquisas abertas sobre identidade de gênero, orientação sexual e saúde sexual, estabelecendo um ambiente seguro para a conversa e a ponderação entre os estudantes. A sua metodologia interativa não é somente pedagógica, mas também habilita os alunos a partilhar suas vivências, favorecendo uma cultura de respeito e acessível. Por outro lado, o Professor 2 cita pensadores renomados como Simone de Beauvoir e Judith Butler para situar problemas sociais, ampliando o entendimento dos estudantes acerca das batalhas por direitos e das complexidades das identidades. Esta tática possibilita que os estudantes percebam a importância histórica e teórica das discussões atuais sobre gênero. Contudo, os docentes de nível 3 e 4 adotam atitudes mais cautelosas, preferindo tratar de assuntos abrangentes como direitos humanos e cidadania, mas evitando discussões diretas sobre gênero e sexualidade para evitar conflitos com os pais ou a administração escolar.

Querendo saber mais sobre, foi realizada mais uma pergunta que foi: “Como você seleciona e adapta materiais ou atividades para tratar desses temas de forma eficaz em sala de aula? Com fim de saber todos os métodos usados. Foram obtidas 4 respostas:

Tento sempre diversificar, né. Ninguém merece uma aula meramente expositiva. Nem nós adultos conseguimos focar toda hora, por um longo período. Tento sempre chamá-los, incentivá-los a participar. Acredito que a nossa maior arma seja dar autonomia aos jovens. Eles são tão cobrados por ela em tantos outros momentos... por que não na escola? Por que não nas aulas? E ainda mais que esses temas estão presentes em

tudo no nosso cotidiano escolar, né? Não é só nessa escola, mas as questões de gênero e sexualidade aparecem desde as micro relações. A gente tenta adaptar e trazer essas questões sempre que possível, nas brechas dos conteúdos, nas escolhas das dinâmicas. Pelo menos eu tento. “(Professora 1, Verônica Cooper, 32 anos, área de atuação: Ciências naturais)

Procuro sempre fazer com que o estudante extraia de si suas próprias concepções para que mostro um quadro semelhante ou diferente do que ele compreende. As leituras sempre são um alicerce para produção de conteúdo e no trabalho na alteridade, sendo de principal importância mostrar as diferenças entre os sujeitos para que ocorra de fato o entendimento. O trabalho da igualdade é falho, levando em consideração que as identidades sempre são diferentes. Semelhantes, mas diferentes. (Professor 2, Archie Blossom, 28 anos área de atuação: Ciências humanas)

Eu busco selecionar materiais que sejam sensíveis ao contexto da escola e ao perfil dos alunos, levando em conta os limites estabelecidos pela gestão e a sensibilidade das famílias. Prefiro usar exemplos da literatura, história ou até mesmo do cotidiano para estimular reflexões, mas evito materiais que possam ser interpretados como provocativos ou que possam gerar polêmica com a comunidade escolar. Adaptar atividades para que pareçam neutras, mas que incentivem a reflexão, tem sido a estratégia mais eficaz. (Professor 3, Jason Santos 34 anos, área de atuação: Ciências naturais)

Escolho coisas que promovem discussões sobre respeito, inclusão e diversidade de maneira fluida. Ao adaptar esses conteúdos, busco garantir que a mensagem sobre gênero e sexualidade seja satisfatória, sem criar murmurinhos e atritos. (Professora 4, Cheryl Spelman, área de atuação: Ciências humanas)

Os Professores mostram uma grande preocupação em variar suas estratégias sobre temas de gênero e sexualidade, procurando formas de envolver os estudantes e estabelecer um ambiente inclusivo. A Professora 1 enfatiza a necessidade de evitar aulas apenas expositivas e promover a participação dos estudantes, registrando a importância desses assuntos no ambiente escolar. Isso está alinhado com a visão do Professor 2, que destaca que as leituras e o conteúdo devem ser fundamentados nas ideias dos estudantes, enfatizando a importância de respeitar as diferenças identitárias. Os professores 3 e 4 advogam por uma escolha de recursos que se adaptem ao ambiente escolar e ao perfil dos estudantes, evitando materiais que possam provocar polêmicas. O professor 3 escolhe atividades que pareçam neutras, enquanto a Professora 4 se

empenha em fomentar debates sobre respeito e inclusão de forma natural, assegurando que as mensagens sobre gênero e sexualidade sejam passadas sem gerar conflitos. Esta diversidade de táticas demonstra um esforço coletivo para tratar de assuntos pertinentes de maneira que respeite a sensibilidade da comunidade escolar e, simultaneamente, incentive.

As respostas dos professores acerca deste assunto mostram uma variedade de estratégias que espelham tanto a dedicação à educação inclusiva quanto as restrições impostas pelo contexto escolar. Por exemplo, a professora 1 se sobressai ao incentivar pesquisas abertas sobre identidade de gênero, orientação sexual e saúde sexual, estabelecendo um ambiente seguro para a conversa e a reflexão entre os estudantes. Essa prática está em consonância com a visão Louro, que afirma que "são precisamente os gestos e as palavras banalizadas que devem se tornar alvos de atenção renovada" (Louro, 1997, p. 97). Essa abordagem interativa não apenas educa, mas também capacita os estudantes a compartilharem suas experiências, contribuindo para uma cultura de respeito.

Em contrapartida, o professor 2 utiliza pensadores influentes como Simone de Beauvoir e Judith Butler para contextualizar questões sociais, enriquecendo a compreensão dos alunos sobre as lutas por direitos e as complexidades das identidades. Louro destaca que "a tarefa mais urgente seria desconfiada do que é tomada como 'natural'" (Louro, 1997, p. 91), enfatizando a importância de questionar normas determinantes. Contudo, os professores 3 e 4 adotam atitudes mais cautelosas, preferindo tratar de assuntos abrangentes como direitos humanos e cidadania, mas evitando discussões diretas sobre gênero e sexualidade para evitar conflitos com os pais ou com a gestão escolar.

Essas táticas demonstram um interesse considerável em variar as abordagens sobre temas de gênero e sexualidade, procurando formas de envolver os estudantes, considerando as sensibilidades da comunidade escolar. A Professora 1 destaca a relevância de evitar aulas meramente expositivas e promover a participação dos estudantes, em consonância com a visão de Louro acerca da exigência de um currículo que questione as relações de poder nas dinâmicas sociais. O Professor 2 também destaca que as leituras devem ser fundamentadas nas concepções dos estudantes, possibilitando a variedade de identidades existentes no ambiente escolar. Em contrapartida, os Professores 3 e 4 advogam por uma escolha criteriosa de recursos que se adequem ao ambiente escolar, prevenindo temas que possam ser controversos.

Essa variedade de estratégias reflete um esforço conjunto para abordar temas relevantes com respeito à sensibilidade da comunidade escolar e ao mesmo tempo estimular a discussão sobre gênero e sexualidade. Como Louro afirma: "A educação deve ser um espaço onde as vozes silenciadas podem ser ouvidas" (Louro, 1997 p. 79), ressaltando a importância de

promover diálogos inclusivos que permitam o desenvolvimento de uma consciência crítica entre os estudantes.

6 ANÁLISE

CATEGORIAS	TEORICOS	REALIDADE	SÍNTESE
<p>Gênero e sexualidade</p>	<p>A sexualidade, segundo Foucault (2010), é, portanto, um campo de batalha entre as forças do poder que tentam normatizá-la e os indivíduos que podem resistir a essas normatizações. A ‘natureza’, em que às vezes se apoiavam, era ainda uma espécie de direito”. (Foucault, 2010, p. 45). O prazer se difunde através do poder cerceador e este fixa o prazer que acaba de desvendar”. (Foucault, 2010, p. 52).</p> <p>Ela não pode ser caracterizada como um “regime de silêncio”, mas, ao contrário, como um constante e historicamente cambiante incitamento ao discurso sobre o sexo. Essa explosão discursiva sempre em expansão é parte de um completo aumento do controle sobre os indivíduos, controle não através da negação ou da proibição, mas através da produção; pela imposição de uma grade de definição sobre as possibilidades do corpo, através do aparato da sexualidade (Weekes, 2000, p.20)</p> <p>Salles e Ceccarelli (2010) enfatizam que “a sexualidade não é um dado natural, mas uma construção cultural que se transforma ao longo do tempo” (Salles; Ceccarelli, 2010, p. 152).</p> <p>“O gênero é, na verdade, a estilização repetida do</p>	<p>“Acredito que Gênero é um fruto da construção social que vivemos desde quando chegamos ao mundo. Enquanto a sexualidade, não sei dizer exatamente mas penso que possivelmente deve estar mais atrelada ao desejo do sujeito com relação ao outro.(Professora 1, Verônica Cooper, 32 anos, área de atuação: Ciências naturais)</p> <p>“Defino por gênero a construção social do indivíduo. O que ele busca em questões de identidade e suas relações sociais. Sexualidade, trato como forma de atração e o que pode se relacionar com o pathos do indivíduo em relação a outro. (Professor 2, Archie Blossom, 28 anos área de atuação: Ciências humanas)</p> <p>“Eu vejo gênero é uma construção social que organiza as expectativas e normas sobre comportamentos, papéis e identidades associadas ao masculino e feminino. Já a sexualidade envolve a forma como as pessoas vivenciam e expressam seus desejos e afetos, além das dimensões biológicas, sociais e culturais (Professor 3 , Jason Santos 34 anos, área de atuação : Ciências naturais)</p> <p>“Pra mim gênero se refere às expectativas e papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, enquanto a sexualidade diz respeito às vivências</p>	<p>É evidente que as percepções de gênero e sexualidade expressas pelos docentes demonstram um envolvimento intenso e reflexivo com esses assuntos, que ultrapassa a simples superficialidade. O empenho no estudo e na aplicação dessas questões resulta em métodos pedagógicos que ultrapassam discussões triviais, procurando revelar as complexidades inerentes às vivências de gênero e sexualidade no contexto escolar. Este empenho em ampliar o entendimento sobre o tema é crucial para que os professores possam comunicar de forma eficiente a importância dessas questões, incorporando-as de maneira crítica ao currículo e às atividades pedagógicas.</p> <p>Ao se dedicarem ao estudo das várias dimensões do gênero e da sexualidade, os professores conseguem reconhecer as sutilezas que influenciam a formação da identidade de seus estudantes. Com essa sólida fundamentação teórica, são capazes de estabelecer um ambiente educativo que estimule não só a sensibilização, mas também a empatia e a acessibilidade. Ao invés de deixar as questões de gênero e sexualidade em segundo plano, os educadores as abordam de forma pertinente. É crucial uma abordagem informada e empática dessas questões para</p>

	<p>corpo, um conjunto de atos repetidos dentro de um quadro regulatório altamente rígido que se conglera ao longo do tempo para produzir a aparência de substância, de uma espécie de ser natural.” (Butler, 2015, p. 33)</p> <p>Para Scott (1995), o estudo do gênero deve considerar como essas identidades foram moldadas historicamente por relações de poder, instituições sociais e discursos culturais. “O gênero deve ser entendido como um campo de relações sociais que está profundamente entrelaçado com outras formas de hierarquia e poder” (Scott, 1995, p 81).</p> <p>Ao propor essa alternativa, Rich (1993) amplia o campo de estudo do gênero e da sexualidade ao introduzir a ideia de que as relações de poder entre os sexos são reforçadas pela imposição de normas sexuais e sociais “A existência lésbica deve ser reconhecida como um aspecto fundamental da luta contra a opressão das mulheres” (Rich, 1993).</p>	<p>afetivas e sexuais de cada indivíduo. (Professora 4, Cheryl Spelman, área de atuação: Ciências humanas)</p>	<p>equipar os estudantes para um mundo plural, onde a compreensão e o respeito pelas identidades de gênero e sexualidade são essenciais. Ao destacar a relevância do debate sobre gênero e sexualidade, os docentes não só contribuem para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos, mas também colaboram na criação de um ambiente escolar mais inclusivo, que aprecia e confirma a diversidade das vivências humanas. Esta dinâmica aprimora o processo de ensino, fazendo com que todos os estudantes se sintam notados, respeitados e aptos a vivenciar experiências.</p>
<p>Escola</p>	<p>Louro(2000) defende que o ensino de gênero e sexualidade é fundamental para o desenvolvimento pessoal dos alunos e para a construção de uma sociedade mais justa. A ausência de discussões sobre esses temas perpetua a invisibilidade e a marginalização de pessoas que não se encaixam nas normas heteronormativas. O silenciamento dessas</p>	<p>“Apoio da gestão/coordenação. Amo a equipe escolar dessa escola. São muito solícitos. Mas quando o calo está prestes a apertar, vem um pouco do receio de se eu realmente vou receber o apoio deles. Sei que muitos pais não compreendem essas questões e acaba que o docente que sai por errado. “(Professora 1, Verônica Cooper, 32</p>	<p>É evidente que existe um interesse cada vez maior entre professores e professoras para debater temas de gênero e sexualidade no contexto escolar. Esta determinação, que espelha uma percepção mais abrangente e inclusiva das diversidades que caracterizam a sociedade, se depara, contudo, com um obstáculo considerável: a</p>

	<p>questões contribui para a exclusão de estudantes LGBTQIA+, além de reforçar a discriminação. “Abordar questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar é fundamental para a formação de cidadãos críticos. É preciso que os alunos compreendam que as identidades e os desejos não são naturais, mas construções sociais que podem ser questionadas e transformadas “. (Louro, 2000, p. 78).</p> <p>O ensino de gênero e sexualidade, segundo Louro (2006), vai além de informações sobre biologia ou relações sexuais. Trata-se de criar um espaço para que os alunos possam refletir sobre as construções sociais que regulam os corpos, desejos e identidades, promovendo uma educação que valoriza a diversidade. “Todos os processos de escolarização estiveram – e ainda estão – preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, de jovens homens e mulheres” (Louro, 2006, p. 88).</p> <p>(Louro, 1997, p. 16). Ela também destaca que “as identidades de gênero e sexuais são compostas e definidas por relações sociais, moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (Louro, 1997)</p>	<p>anos, área de atuação: Ciências naturais)</p> <p>“Outro desafio é encontrar um equilíbrio entre tratar questões importantes de forma clara e respeitosa, sem gerar um desconforto excessivo que possa levar a críticas ou retaliações por parte da gestão ou dos familiares.” (Professor 3, Jason Santos 34 anos, área de atuação : Ciências naturais)</p> <p>“A principal dificuldade é a resistência da gestão e a reação dos pais. A gestão prefere evitar essas discussões para evitar atritos com a comunidade. Isso me limita a tratar desses temas de forma direta, e a resistência de alguns alunos também torna o debate mais complicado.” (Professora 4, Cheryl Spelman, área de atuação: Ciências humanas)</p> <p>“É como eu disse na questão anterior: a falta de apoio e incentivo é o que pega um pouco pois já temos tantas outras demandas que as vezes deixamos de fazer projetos pra nós poupar de mais problemas, mais desafios.” “(Professora 1, Verônica Cooper, 32 anos, área de atuação: Ciências naturais)</p> <p>“Como trabalho isso com outros assuntos, torna-se mais "simples" essa questão do obstáculo "família". A gestão é totalmente a favor do trabalho inclusivo relacionado à sexualidade dos alunos, daquele jeito que não liga muito para o que falamos sobre esses</p>	<p>resistência da gestão escolar e das famílias. Frequentemente, essa gestão escolhe evitar conflitos e manter uma postura conservadora, criando um ambiente que não estimula um diálogo franco sobre assuntos fundamentais para o crescimento pessoal e social dos estudantes. Portanto, o contexto escolar se distancia do ideal defendido por Louro, que defende uma educação crítica e inclusiva, na qual todos os estudantes têm a oportunidade de investigar questões ligadas às suas identidades.</p> <p>Louro ressalta a relevância de um ensino completo e relevante sobre gênero e sexualidade, no qual os estudantes não só adquirem conhecimento sobre a variedade de identidades, mas também aprimoram um entendimento crítico sobre as interações sociais e os preconceitos que podem impactar suas vidas. Contudo, a ausência de suporte da administração, aliada à pressão para evitar polêmicas, leva a um currículo que, apesar de conter algumas menções a esses assuntos, acaba sendo superficial e restritivo. Isso implica que, embora as questões de gênero e sexualidade sejam frequentemente incorporadas ao currículo, a profundidade e a importância dessas discussões são frequentemente prejudicadas, impedindo que os estudantes ampliem seu conhecimento.</p>
--	---	---	--

		<p>assuntos. (Professor 2, Archie Blossom, 28 anos área de atuação: Ciências humanas)</p> <p>“A reação da gestão escolar é o principal fator que limita a abordagem mais direta desses temas. Muitas vezes, a escola prefere não aprofundar o assunto por medo de conflitos com pais que têm visões mais conservadoras.</p> <p>(Professor 3, Jason Santos 34 anos, área de atuação: Ciências naturais)</p> <p>“A gestão da escola tem um impacto significativo na minha abordagem. Como há uma preocupação constante com a reação dos pais, sou obrigada a tratar esses temas de maneira mais leve e cuidadosa..” (Professora 4, Cheryl Spelman, área de atuação: Ciências humanas)</p>	<p>Essa circunstância se intensifica pela ausência de locais seguros onde os estudantes possam debater essas questões. Quando as instituições de ensino não proporcionam um ambiente receptivo e respeitoso, os alunos podem se sentir intimidados ou constrangidos ao manifestar suas ideias e dúvidas. Isso não só limita a capacidade educativa da escola, como também perpetua estigmas e preconceitos, pois os estudantes não têm a chance de debater e questionar as regras sociais que afetam suas vidas e relações. Em diversas situações, a falta de diálogo pode resultar em uma compreensão e empatia deficientes entre os alunos, situação que se intensifica pela ausência de locais seguros para debater tais questões.</p>
--	--	--	---

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a pergunta inicial que deu origem a pesquisa de trabalho de conclusão de curso:

Que desafios são enfrentados pelos/as docentes no trabalho pedagógico sobre gênero e sexualidades na escola e quais as suas percepções sobre estes temas?

Temos a dizer o seguinte com relação a isso foi visto a partir do primeiro objetivo específico: “Identificar as concepções de gênero e sexualidades dos/as docentes”, observou-se que os docentes têm uma compreensão robusta, fundamentada em um sólido arcabouço teórico. As suas concepções se baseiam em teorias de autores renomados, cujas obras são frequentemente mencionadas em pesquisas contemporâneas sobre gênero e sexualidade. Esta constatação indica que, em termos teóricos, os docentes estão adequadamente equipados para debater e investigar essas questões, com um acervo intelectual que lhes possibilita um diálogo aprofundado e informado sobre o assunto.

A respeito do segundo objetivo específico: “Relacionar os desafios enfrentados pelos/as docentes no trabalho pedagógico sobre gênero e sexualidades” é notório as barreiras que dificultam a aplicação prática dessas discussões. Embora os professores tenham o interesse e a formação adequada para aprofundar o debate, eles enfrentam resistências significativas, principalmente da escola e da comunidade de pais e responsáveis. Essas resistências atuam como obstáculos institucionais que restringem a prática pedagógica direta sobre esses tópicos, criando um conflito entre o anseio de tratar o assunto de forma franca e a exigência de ceder diante das pressões externas. A discussão em sala de aula acaba sendo conduzida de maneira indireta, frequentemente de forma sutil e subliminar, barrando um debate mais abrangente e direto sobre gênero e sexualidade.

E referente ao terceiro e último objetivo específico: “Elencar os conteúdos trabalhados por docentes sobre o tema gênero e sexualidades em suas aulas.” observou-se que as barreiras institucionais acabam promovendo o silenciamento dessas temáticas. Consequentemente, os/as docentes, impossibilitados/as de abordar os assuntos de maneira frontal e explícita, acabam integrando esses temas de forma intercalada com outros conteúdos curriculares. Ao invés de desenvolverem metodologias inovadoras ou de incluírem diretamente esses debates em suas práticas pedagógicas, os/as professores/as optam por um tratamento velado das questões de gênero e sexualidade, abordando-as de maneira superficial e muitas vezes diluída em outras disciplinas. Essa estratégia, apesar de permitir que o assunto seja tocado, não favorece a criação de um espaço dedicado e voltado para a reflexão mais aprofundada sobre

as temáticas de gênero e sexualidade dentro do ambiente escolar, o que acaba sendo uma limitação na construção de um debate mais aberto e transformador.

Assim sendo, a resposta a nossa pergunta, apesar de estarem preparados e possuírem um bom entendimento sobre gênero e sexualidade, os professores encontram obstáculos ao abordar esses assuntos em sala de aula. A gestão escolar e a pressão dos pais frequentemente criam obstáculos que restringem a discussão direta sobre esses temas. Embora tenham grande interesse e desejo de discutir o assunto, os docentes são obrigados a tratá-lo de maneira indireta, inserindo-os em outros tópicos do currículo, sem estabelecer espaços específicos ou métodos específicos para o assunto. Este silenciamento sutil leva a uma abordagem transversal, na qual os docentes tentam abordar o assunto dentro dos limites impostos, mesmo que de maneira restrita. Apesar do progresso na incorporação desses temas no ambiente escolar, a resistência tanto institucional quanto familiar indica que ainda existe um longo percurso a percorrer para que gênero e sexualidade sejam totalmente incorporados na educação de forma aberta, estruturada e sem discriminação.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judite. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade: A Vontade de Saber*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HALPERIN, David M. *Cem Anos de Homossexualidade e Outros Ensaio sobre o Amor Grego*. Tradução de Fabio C. de A. Lima. Editora FGV, 2008.
- LAGE, Allene Carvalho. *Lutas por Inclusão nas Margens do Atlântico: um estudo comparado entre as experiências do Movimento dos Sem Terra - Brasil e da Associação In Loco - Portugal*. 2005. 1 v. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2005.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber: Manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: UFMG, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. “Corpo, escola e identidade”. *Educação & Realidade*, v. 87-102, 2006.
- LOURO, Guacira Lopes. “A escola como espaço de construção de identidades”. In: *Educação & Sociedade*, v. 70, p. 45-60, 2000.
- NASCIMENTO-GOMES, “Fernanda S. Juventude, sexualidade e relações afetivo-sexuais: uma análise interseccional de jovens rurais e urbanos/as”. Tese - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2016.
- SALLES, Ana Cristina Teixeira da Costa; CECCARELLI, Paulo Roberto. A quanto andam o sexual e a sexualidade nos dias atuais?. *Estudos de Psicanálise*, v. 41, p. 151-159, jul. 2014.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Os conflitos urbanos no Recife: o caso do Skylab. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, [s.l.], ed. 11, pág. 11-60, Maio/1983.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. ↑ *American Historical Review*, v. 5, pág. 1053-1075, dez. 1986.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 71-99, jul./dez. 1995.
- SCOTT, Joan W. *Gênero e a política da história*. Nova York: Columbia University Press, 1999.

WEEKS, J. O corpo e sexualidade. *In*: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.